



A SUBVERSÃO LATINO-AMERICANA: HIBRIDISMO EM GARCÍA MÁRQUEZ E JOÃO ANTÔNIO

Paula Evangelista Borges (UNIOESTE)¹
Maricélia Nunes dos Santos (UNIOESTE)²

Resumo: Esta pesquisa analisa a relação entre o hibridismo literário e a mescla de discurso literário e jornalismo encontrado na literatura de João Antônio e García Márquez. Nesta investigação, estabeleceu-se diálogo com as reflexões de Bernd (2013), Mignolo (2000), Ortiz (1928) e Bhabha (1998) para vislumbrar o papel do hibridismo dentro da cultura latino-americana. Além disso, recorreu-se aos escritos de João Antônio (1976) e de críticos que discorrem sobre a escrita jornalística e literária de García Márquez, como Sánchez Rodrigues (2010) e Marques (2013). O objetivo é analisar a perspectiva do hibridismo de discurso no contexto latino-americano a fim de compreender como esse hibridismo favorece a expressão marginal de João Antônio, e qual a alteração presente na sua escrita e como se expressam a imigração e o deslocamento do sujeito latino-americano em García Márquez. Não se trata somente de um mecanismo, é um processo na literatura dos escritores: a amálgama entre a literatura e o jornalismo se encontra ativa para a representação de uma realidade que só é possível se manifestar por meio do hibridismo.

Palavras-chave: Hibridismo. Literatura latino-americana. Jornalismo.

Abstract: This research analyzes the relationship between literary hybridity and the blending of literary discourse and journalism found in the literature of João Antonio and García Márquez. In this investigation, the dialog was established with the reflections of Bernd (2013), Mignolo (2000), Ortiz (1928), and Bhabha (1998) to glimpse the role of hybridity within Latin American culture. Furthermore, we invoked the writer João Antônio himself (1976) and critics who ponder on García Márquez's journalistic and literary writing, like Sánchez Rodrigues (2010) and Marques (2013). The aim is to analyze the perspective of discourse hybridity in the Latin American context to understand how this hybridity favors marginal expression of João Antônio and what is the alteration present in his writing and how the immigration and displacement of the Latin subject are expressed in their literatures. Hybridity is not only a mechanism it is a process in the writers' literature: the amalgam between literature and journalism is active for the representation of a reality that is only possible to manifest through hybridism.

Keywords: Hybridism. Latin-American Literature. Journalism.

1 Introdução

¹ Graduanda de Letras- Português/Inglês, Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Cascavel, Paraná, Brasil. E-mail: paulaborges403@gmail.com

² Doutora em Letras pelo Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Letras da UNIOESTE (2016). Professora Adjunta da Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Cascavel, Paraná, Brasil. E-mail: maricelia.santos@unioeste.br.



Este texto volta-se para a análise do hibridismo nas obras de João Antônio e García Márquez. É por meio de uma junção entre a linguagem literária e a jornalística que os autores se enquadram nesse hibridismo, nesse movimento antropofágico presente nos seus textos – o conto-reportagem e o livro-reportagem de João Antônio (cunhado pelo autor) e García Márquez, respectivamente. Tanto o colombiano quanto o brasileiro mergulham na dinâmica literária e jornalística para expor a realidade que escapa dos limites dos discursos. O entre-lugar ocupado pelos autores atravessa tanto o caminho de suas carreiras quanto de sua escrita: sujeitos latino-americanos que ingerem uma realidade que ziguezagueia com o passado de colonizado. Diante disso, os sujeitos marginalizados de João Antônio e o papel denunciador presente nos autores analisados se aproximam do hibridismo conceituado por Ortiz (1928).

Este estudo abordará, primeiramente, aspectos conceituais relacionados ao hibridismo latino-americano e sua relação com o contexto latino-americano. A partir do conceito do hibridismo, atravessando Bernd (2013), Bhabha (1998) e Mignolo (2000), será vislumbrado como é na prática esse hibridismo na escrita de João Antônio e García Márquez, especificamente em seus contos. Vistos por meio da amálgama entre o jornalismo e a literatura, os desdobramentos que os autores deram para os seus escritos se inscrevem justamente no entre-lugar descrito por Santiago (2019): a transgressão como identidade latino-americana.

O conto-reportagem e o livro-reportagem são dois dos vários desdobramentos dos mecanismos a partir dos quais os autores estruturam a temática com a liberdade para além de gêneros. Ora, as fórmulas vigentes, tanto jornalística quanto literariamente, são vistas como elementos para a compreensão da temática, isto é, mecanismos disponíveis para que a temática do conto – ou reportagem, notícia, romance – seja contemplada em sua totalidade. Dessa forma, é preciso explicar sobre os subgêneros que os autores João Antônio e García Márquez utilizaram para expressar, além de uma preocupação com os discursos literários e jornalísticos, marcadamente as obras que realizaram. Observa-se, dessa forma, essa amálgama de discursos à vista do hibridismo latino-americana – discutindo a maneira em que consubstanciam para a literatura.

Portanto, este trabalho é composto, em um primeiro momento, pela discussão acerca do hibridismo, revisando os aspectos teóricos e como se consolidam na escrita de João Antônio e García Márquez. Logo, será apresentado o conto-reportagem, cunhado por João Antônio, por meio dos princípios apresentados em “Corpo-a-corpo com a vida”; após isso, será abordado o



escritor colombiano e sua subversão dos axiomas jornalísticos e como seus livros se sobressaem como livros-reportagem.

2 Hibridismo e a América Latina

Nesta seção do trabalho, a identidade latino-americana e seu poder de transgressão serão de um peso fundamental para que se possa entender como o hibridismo aparece em obras literárias e, não obstante, como o terceiro espaço – o entre-lugar (SANTIAGO, 2019), a transculturação (ORTIZ *apud* BERND, 2013) e o *border thinking, el pensamiento fronterizo* (MIGNOLO, 2000) – se relacionam com o hibridismo da literatura e do jornalismo.

A teoria de escrita híbrida está intimamente ligada com os estudos coloniais. A história da dicotomia entre colonizado x colonizador parte de um princípio básico do Outro, teorizado tanto pela filosofia e a psicanálise entre guerras, e é investida como uma contraposição de um ser originário – isto é, superior, ou detentor de intelectualidade – (colonizador) e o outro – aqueles que diferem e que devem ser convertidos – (colonizado). Partindo dessa visão, construiu-se a história ocidental, que centralizava os detentores do discurso predominante como unívoco. A teoria do hibridismo contribui para a ruptura dessa soberania e a dicotomia dos saberes. É da contribuição latino-americana que o conceito que sustentava essa dinâmica, a de uma dicotomia de culturas “puras”, foi dissolvido. Segundo Santiago (2019),

O renascimento colonialista engendra por sua vez uma nova sociedade, a dos mestiços, cuja principal característica é o fato de que a noção de unidade sofre reviravolta, é contaminada em favor de uma mistura sutil e complexa entre o elemento europeu e o elemento autóctone — uma espécie de infiltração progressiva efetuada pelo pensamento selvagem, ou seja, abertura do único caminho possível que poderia levar à descolonização (SANTIAGO, 2019, p. 12).

Ora, está assentada nos estudos pós-coloniais a compreensão de uma “mistura sutil e complexa entre o elemento europeu e o elemento autóctone”, conforme dito no asserto. Isso se divide em diversas camadas, artística, cultural e científica, e, prova um outro lugar, especialmente na literatura, em que essa mescla entre as culturas se manifesta, o terceiro espaço: um local em que essa dicotomia transcende. Bhabha (1998, p. 22) o chama de espaço visceral: “A passagem intersticial entre identificações fixas abre a possibilidade de um hibridismo



cultural que acolhe a diferença sem uma hierarquia suposta ou imposta”. Diante disso, embora ainda existam os elementos europeus e os elementos autóctones – para este trabalho, eles seriam os elementos latino-americanos –, o espaço visceral procura abrangê-los sem uma hierarquização ou uma separação dita autêntica.

Outro ponto de vista para esse terceiro espaço é posto à luz pelo sociólogo Ortiz (1928): a transculturação. Este, diferente de um espaço como discutido no parágrafo anterior, é um processo. Ele é explicado a partir do Antropofagismo dos modernistas brasileiros pela teórica Bernd (2013); mesmo não citado no manifesto do movimento, é por meio do devorar o inimigo com a finalidade de absorção de suas virtudes. Portanto,

O Movimento Antropófago preconiza, pois, a liberdade de escolha (deve-se poder escolher o que se vai absorver), a absorção, a digestão e a transformação dos elementos culturais europeus, mas também os do patrimônio cultural indígena e africano, para elaborar uma síntese (que permanece, contudo, inacabada[...]). O resultado dessa mistura, dessa digestão bem feita seria a própria expressão da identidade cultural brasileira (BERND, 2013, p. 18).

É possível perceber dois movimentos importantíssimos nesse excerto, o primeiro é a reiteração de que não se pode pesquisar uma cultura sem aceitar a transferência cultural que a cultura latino-americana sofreu desde a sua colonização. Já em um segundo nível, a inteiração desse ato de mistura e absorção que resulta em uma “própria expressão da identidade cultural brasileira”. Essa analogia é riquíssima ao examinar a transculturação como uma absorção consciente e ativa de outra cultura, concomitantemente, com a mistura de elementos autóctones (“patrimônio cultural indígena e africano”) para, então, atribuir uma expressão profundamente brasileira, no caso em questão. A transculturação, portanto, parte de um lado para que as influências externas a sua cultura sejam absorvidas e expressas por meio dessa digestão.

A última perspectiva para esse terceiro espaço movedição é proposta pelo teórico Mignolo (2019) como pensamento da margem (*border thinking*). Como os outros, dita esse conceito partindo da compreensão da diferença colonial e a irreversível realidade latino-americana, especialmente para as “perspectivas subalternas” (*subaltern perspectives*). Em seu livro *Local histories/global designs; coloniality, subaltern knowledges and border thinking* (2000), traz à tona a subalternização do conhecimento latino-americano, acadêmico e genealógico (FOUCAULT, 1980), e a estruturação de um pensamento além das fronteiras. O



pensamento da margem remete ao local de enunciação de conhecimento, este, sendo formulado em um espaço com um passado colonial e enriquecido de cosmologias subalternizadas, que é fragmentado e híbrido. É, portanto, visto nessa abordagem o terceiro espaço como um lugar de confluências de conhecimentos em que os “loci de enunciação pós-colonial” são “uma formação discursiva” e “uma forma de articulação da racionalidade subalterna” (MIGNOLO, 2000, p. 95, tradução nossa)³. Ao propor o pensamento da margem como um encontro de cosmologias subalternadas e pensamentos que já estão inerentes na cultura local, sincronizando esses conhecimentos para uma enunciação que seja a síntese desse encontro, o sociólogo permite a compreensão de um mundo local, como culturas latino-americanas, para um mundo geral, remetendo-se, nessa parte, a influência constante de um passado colonial e do pensamento hegemônico euro-estadunidense.

Ante o exposto, o terceiro lugar tem a potência de um mediador, em vários campos de conhecimento, para a diversidade sociocultural inscrita no loci latino-americano, estudando o pensamento pós-colonial e o hibridismo como, de fato, uma característica de enunciações de culturas em que “as trocas e as transferências (a transculturação) refletem as relações estabelecidas entre os centros de produção e as margens ou fronteiras, originando novos termos e conceitos” (BERND, 2013, p. 109). É, pensando nesse trabalho, pela perspectiva latino-americana dentro da literatura, que é expressa essa enunciação híbrida, fragmentada, em razão de uma convergência de conhecimentos. Bernd (2013) aponta que o terceiro espaço

[...] é uma visão própria de nossa contemporaneidade, problematizando temas como a imigração, a errância, o medo da perda dos referentes culturais, o repensar as formas de inserção no mundo globalizado e, ao mesmo tempo, a preservação das características regionais bem como da memória coletiva (BERND, 2013, p. 66).

A exposição de um sujeito nessa terceira margem abrange, dessa forma, mais que somente um pensar crítico para um passado colonial, é vislumbrar um sujeito que é deslocado de sua região cultural, por várias razões, como a deslegitimação de discursos e conhecimentos locais, a imigração, o confronto com a globalização. Literariamente, essa fragmentação e esse deslocamento do sujeito são vistos pela tematização da imigração e o hibridismo de escrita.

³ No original: [...] the postcolonial loci of enunciation as an emerging discursive formation, and as a form of articulation of subaltern rationality.



Atentando-se mais nessa última, a manifestação por meio da escrita do hibridismo é, a princípio, uma característica dessa diversidade típica da cultura latino-americana e, como tal, inscreve-se como representação viva de um sujeito fragmentado. Cândido (1989) avalia esse hibridismo como um desdobramento de gêneros que

[...] incorporando técnicas e linguagens nunca dantes imaginadas dentro de suas fronteiras. Resultam textos indefiníveis: romances que mais parecem reportagens; contos que não se distinguem de poemas ou crônicas, semeados de sinais e fotomontagens; autobiografias com tonalidade e técnica de romance; narrativas que são cenas de teatro, textos feitos com a justaposição de recortes, documentos, lembranças, reflexões de toda a sorte (CÂNDIDO, 1989, p. 253).

García Márquez e João Antônio são exemplos desse processo: o hibridismo manifestado por técnicas e linguagens que vão além de um simples dispor de elementos específicos de um gênero, é uma incorporação simbiótica de discursos e gêneros alterando significativamente os textos. O sistema simbólico em que os contos estão inseridos ultrapassa os modelos originais e faz o movimento de transgressão resultando em novos textos que fazem as fronteiras dentro de discursos e gêneros se dissiparem.

A partir de todo esse panorama, busca-se vislumbrar, da escrita híbrida, os escritores analisados. Esse terceiro espaço, visto aqui a partir de diferentes teóricos, se concretiza na abordagem dos textos de García Márquez e João Antônio, isto é, os subgêneros, conto-reportagem e livro reportagem, adotados pelos autores se integram nessa lógica híbrida que Ortiz (1928), Bhabha (1998) e Mignolo (2019) demonstram. Diante disso, é com uma visão latino-americana desse pensamento de margem, ou terceiro lugar, ou processo antropofágico, que os autores se colocam. Logo, vislumbraremos as técnicas que eles utilizaram para expressar a temática principal abordada nos textos dentro desses subgêneros: a identidade latino-americana.

3 João Antônio e García Márquez: o epíteto da literatura latino-americana

Além de ser um exímio autor e jornalista, João Antônio viveu a época de ditadura do Brasil. E, como tal, para expor as realidades do povo brasileiro ele alcunhou o subgênero que



depois se encaixará, juntamente com Lima Barreto, Euclides da Cunha, como um dos precursores do jornalismo literário: o conto-reportagem.

O conto-reportagem de João Antônio se utiliza de técnicas e estratégias socio-jornalísticas para inserir-se como modificador do seu tempo. Dessa forma, o escrito ressoa nas teorias híbridas, na medida que é por meio desse pensamento de margem – aqui, especialmente, o pensamento do malandro, do merduncho –, desse terceiro lugar – pensando na América Latina e o romper característico dela e o momento de ditadura que o escritor se inseriu. Assim como alguns escritores do século XX, então, introduz a importância da ética da escrita dentro da sua literatura, é específico quando, em seu manifesto “Corpo-a-corpo com a vida”, declara

Que, ao escrever, dê a mesma porrada, como repórter, escritor, etc., que o bandido, o jogador, o traficante, o bicheiro e, especialmente e isso tudo – herói – dão para sobreviver. Assim, uma literatura de murro e porrada. Um corpo-a-corpo com a vida (ANTÔNIO, 1976, p. 148).

A função de sua literatura, especialmente seus contos – aliás, contos-reportagem –, é esta: ter um embate direto com a realidade, uma literatura que encare a vida sem beletrismos. Essa intenção é complementada, também, pela junção de dois tipos de esferas sociais: os repórteres, escritores, e o bandido, o jogador, o traficante, o bicheiro; a mescla desses papéis sociais no texto é significativa dado que sua literatura reflete a vida das personagens marginais.

Embora seja contemporâneo ao regionalismo de 30 dos modernos, sua escrita – e postura como escritor – se distancia ao declarar que os “ismos” “[...] não passam de preguiça, equívoco e desvio da verdadeira atenção. E função” (ANTÔNIO, 1976, p. 143). Em outras palavras, diante do conformismo condicionado pela forma e verborragias que é possibilitado pela forma dada e pronta dos “ismos”, o escritor defende um processo inverso: o tema como guia para a forma se acomodar (assim como descreve-se a estruturação do conto). Ele discursa:

Desaparece a forma apriorística, que passa a ser determinada pelo próprio tema. O escritor não pode partir com uma forma pronta. Ela será dada, exigida, imposta pelo próprio tema e com esse elemento de certa novidade, é possível admitir também que cada novo tema tratado jamais deixará de surpreender o escritor. O tema passa a flagrar o desconhecimento do escritor, uma vez que o intérprete aceita um corpo-a-corpo a ser travado com a coisa a ser interpretada (ANTÔNIO, 1976, p. 149).



Isso não significa, entretanto, a rejeição das correntes literárias, tanto é que o escritor expõe o combate com a vida de alguns autores brasileiros que “seguem” essas:

Sendo um compromisso de caráter com a vida, o povo e a terra, ela já teve, entre nós uma frente de luta, questionamento, discussão, apelo, denúncia, busca de uma verdade brasileira. Oswald, Lima, Graciliano, José Lins do Rego, Manuel Antônio de Almeida se recusaram a produzir para a gloriuzinha, a vaidade e o riso inconseqüente de uma sociedade (ANTÔNIO, 1976, p. 145).

Nesses dois excertos é possível observar estas características de João Antônio: a preocupação de uma pesquisa de tema que apresente a realidade brasileira, “uma vez que o intérprete aceita um corpo-a-corpo a ser travado com a coisa a ser interpretada [...]”, e a expressão desse tema que pode ser uma denúncia de uma verdade brasileira – sem intenções individuais, como a “gloriuzinha, a vaidade”. Ao declarar esse compromisso com a realidade, mostra também que a literatura precisa “[...] transmitir um problema velho, visto com olhos novos. Novos, mais sérios, mais atraídos, sensíveis, fecundos, rasgados”: uma literatura que não vê a realidade brasileira, mas é personagem dela, sobrevive nela:

Literatura, de dentro para fora. Isso é pouco. Realismo crítico. É pouco. Romance-reportagem-depoimento. Ainda pouco. Pode ser tudo isso trançado, misturado, dosado, conluiado, argamassado uma coisa da outra. E será bom. Perto da mosca. A mosca – é quase certo – está no corpo-a-corpo com a vida (ANTÔNIO, 1976, p. 151).

Em outras palavras, uma literatura que vê na sua história – na literatura antoniana, uma literatura que vê o passado colonizador e um presente opressivo – um ressignificar, tal qual Ortiz (1928) apresenta como um movimento antropófago em que é absorvida tanto a linguagem literária quanto a jornalística para a síntese de uma expressão da marginalidade. Por ora, é preciso frisar o papel do marginal nos contos-reportagem de João Antônio, um exemplo é *Um dia no cais* (1968) publicado na revista *Realidade*. É posta ao centro a vivência brasileira por meio do tema que o escritor expõe: a vida ordinária de sujeitos marginais; flagrada por uma pesquisa e posta em expressão por meio do conto-reportagem.

O conto-reportagem, como o próprio nome já profere, é uma combinação da estruturação do conto (discurso literário) e a pesquisa da reportagem (discurso jornalístico), esse extrapolar de formas é esmiuçado pelo autor. Ele levanta nomes de escritores que, para



expressar a vida marginal – isto é, a realidade crua e sem apetrechos –, usam do hibridismo de gêneros para, com a linguagem, combater a vida. Nomes como Truman Capote, Norman Mailer, Vasco Pratolini, são mencionados para expor a necessidade de o tema ser priorizado e a forma ser vista por razão daquele. João Antônio, para sustentar sua argumentação, menciona Antônio Cândido:

Um professor de teoria literária e literatura comparada, Antônio Cândido de Mello e Souza, já denunciou que “as formas tradicionais da literatura foram postas em dúvida desde o Modernismo, e talvez as formas novas ainda não tenham alcançado uma plenitude equivalente à delas”. E, mais adiante: “Esta crise nos gêneros favorece no escritor o gosto de uma liberdade desejada mas incômoda, pois, não havendo a escora dos gêneros literários fixos, torna-se necessário descobrir até certo ponto o próprio enquadramento. O movimento de 22 instaurou a liberdade na criação literária e originou algo que só agora estamos sentindo plenamente: o escritor está entregue à própria liberdade. Daí, não apenas a possibilidade, mas a necessidade da experimentação” (ANTÔNIO, 1976, p. 150).

Ora, no excerto acima, é notória a exaltação da liberdade que ocorreu após a revolução do modernismo para que o escritor não precisasse se “escorar” nos gêneros literários fixos. Isso abarca, especialmente, com o processo que o escritor João Antônio defende: o tema guiando a forma. Se, conforme ele, o tema demanda uma forma pela qual deve ser expresso, o hibridismo se relaciona na medida em que essa carência por uma literatura que toca a essência da realidade brasileira ultrapassa o próprio enquadramento de gêneros literários. Ademais, complementa questionando:

Será que esses desdobramentos, essas indefinições apriorísticas, não traduzem, finalmente, a necessidade de se travar um corpo-a-corpo com a realidade, como única maneira de descrever – ou mesmo sublimar, ou mesmo recriar, ou, enfim, criar – qualquer coisa que seja realidade? (ANTÔNIO, 1976, p. 146).

Seria, então, por meio de desdobramentos que sublimam os gêneros e discursos jornalísticos ou literários, que será completamente retratado a realidade brasileira? Para o autor, sim, existe uma concretização após o modernismo de um conteúdo que vai além da forma.

Portanto, é notório o conhecimento do gênero conto e seu desdobramento após o modernismo, especialmente se o conto-reportagem estiver em vista. Não somente uma



amálgama de discursos e gêneros, é um processo em que a essência da realidade brasileira busca se retratar, um recurso que foi demandado, segundo estudado em João Antônio.

Ao se pensar, por outro lado, no escritor García Márquez, tem-se o conceito de livro reportagem. Embora muito criticado por não seguir a padronização da escrita jornalística, García Márquez situava-se em uma escrita que não se limitava ao mecanicismo e isenção que o discurso jornalístico exigia. Tal como o jornalístico crítico-opinativo francês do século XX, o colombiano usa da sua fonte – em uma entrevista ou notícia – para expressar, em seu próprio estilo, suas impressões. Sem ter um caráter fictício, nem verídico, seus textos se expressam por meio de uma posição crítica do seu autor, assim como uma escrita literária para a exposição de comportamentos e razões humanas para os acontecimentos.

Como o próprio teórico Sánchez Rodrigues (2010) discursava, mesmo escrevendo textos literários, nunca, de fato, desviou sua escrita jornalística de suas obras. “García Márquez nunca quis fugir da linguagem jornalística, gráfica, direta, descritiva, cheia de uma realidade que a imprensa tem a obrigação de mostrar” (SÁNCHEZ RODRIGUES, 2010, p. 185, tradução nossa⁴), isto é, o autor usa de elementos jornalísticos – como a objetividade, a veracidade por meio de detalhismos, a escassez de adjetivos –, sem, no entanto, deixar o olhar crítico e opinativo de lado. Isso é visto em seus textos, especialmente quando se percebe essa linha tênue que ele produz em sua escrita do que é verídico e o que ficcional. Nas palavras de Marques (2013):

Do ponto de vista do leitor, textos literários e jornalísticos se fazem de expectativas. Quando o leitor está diante de um texto jornalístico, ele tem a expectativa de que o que vai ler seja comprovável, verificável. Diante de uma obra literária, ele cumpre o pacto proposto com o autor de que “qualquer semelhança com a realidade é mera coincidência” (MARQUES, 2013, p. 14).

Essas expectativas de veracidade ou não em cada discurso são distorcidas quando, em seus escritos, utiliza de elementos misturados da literatura e jornalismo. Diante disso, o livro-reportagem nada mais é que uma linha de escrita a que o autor se filiou – espontaneamente – como resultado dessa dupla perspectiva em sua escrita: o García Márquez jornalista, analítico e o literário, imaginativo.

⁴ No original: “García Márquez no ha querido huir nunca del lenguaje periodístico, gráfico, directo, descriptivo, cargado de una realidad que la prensa tiene la obligación de mostrar.”



Dessa forma, em todos seus escritos há uma transcendência de discursos jornalísticos ou literários. Não seria, então, diferente ao vislumbrar os seus livros-reportagem. Se tomar como exemplo *Crónica de una muerte anunciada* (2015) e *Notícia de un sequestro* (1998), têm-se os dois romances que se caracterizam por estarem noticiando um ocorrido: a morte de Santiago Nassar e o sequestro realizado pelo narcotráfico colombiano de 1990. Com uma pesquisa minuciosa, colhendo depoimentos, detalhando os crimes que estão nos livros, o autor usa tanto de uma literatura que circula no mágico e fantástico – como a mágica coincidência de todos os fatores que acarretaram o assassinato de Santiago Nassar ou os quase irreais sequestros de Pablo Escobar que assolam a Colômbia – para utilizar sua veia literária, expondo o comportamento humano por diálogos, fluxos de consciência e o mistério.

Na literatura de García Márquez, é por meio de uma transposição dos acontecimentos que são noticiados no jornalismo cotidiano que o autor solidifica sua literatura; ultrapassa o efêmero do jornalismo, sem, no entanto, o ignorar. Uma das características do livro-reportagem é justamente a exploração das razões, do impacto do ocorrido, no livro. Isso é representado quando o autor explora o contexto político da Colômbia em *Notícia de um sequestro* (1998) e as razões pelas quais o narcotráfico optou por sequestros de pessoas importantes: “O motivo principal dessa guerra era o terror que os narcotraficantes sentiam diante da possibilidade de serem extraditados para os Estados Unidos [...]” (GARCÍA MÁRQUEZ, 1998, p. 14). Dessa forma, investiga o comportamento humano por trás, não somente os fatos descontextualizados e com objetivo informativo.

A presença da literatura e do jornalismo se realiza, portanto, tanto na reconstrução da narrativa, usando de elementos literários para a exploração profunda das personagens, quanto uma exposição da realidade que ocorre, com um panorama maior por explorar os motivos, os impactos dos ocorridos e quais foram suas consequências. O jornalismo se insere por ser uma pesquisa, à *New Journalism*, dos sujeitos inseridos nas tramas, na linguagem seca e analítica e na especialização de uma reportagem, isto é, uma continuação da pesquisa do repórter. No livro-reportagem *Crónica de una muerte anunciada* (2015), todo o enredo se constrói a partir de uma única notícia que já se anuncia na primeira linha “O dia em que o matariam, Santiago Nassar [...]” (GARCÍA, 2015, p. 3, tradução nossa⁵); e, por meio desse fato, o autor construiu todo o

⁵ No original: “*El día en que lo iban a matar, Santiago Nassar [...]*”.



dia da vítima, e de todos que testemunharam ou foram ativos no assassinato, a partir de depoimentos concomitantemente com fluxos de consciência e um cuidado analítico na sequência e horário de cada antecedente para o crime.

O livro-reportagem, à vista disso, se relaciona com o autor Gabriel García Márquez na medida em que os limites estabelecidos pelos discursos jornalísticos são quebrados por uma concretização que cada aspecto do cotidiano do ser humano, de acordo com autor, se realiza a partir de antecedentes de comportamento humano ou de situações políticas. Esse tipo de jornalismo é visto em vários jornais hispânicos por ser característico de uma escrita engajada e de cunho opinativo, especialmente durante as Ditaduras Militares que assolaram a América Latina.

4 Considerações Finais

Nesse estudo foi exposto o hibridismo como forma de expressão dos escritores latino-americanos. Por razão da história, em que não está na adoção passiva de modelos anglo-saxônicos e nem na ingênua inspiração da primeira geração romântica sua essência, seu terceiro lugar, o entre-lugar, de Santiago (2019), seu processo de transculturação, de Ortiz (1928), está na aceitação do pensamento da margem – isto é, pensamento negado pelo núcleo anglo-saxônico científico (MIGNOLO, 2000) –, sem a hierarquização de saberes, em um espaço visceral (BHABHA, 1998) dissoluto nesse mecanismo de transgressão do linear e “puro”. Embora haja perspectivas diferentes para a conceitualização, o hibridismo nasce da história latino-americana em que há a miscigenação, transgressão, uma assimilação do carneiro constituinte do leão; a origem de uma lente não passiva.

À luz dessa teoria, os escritos de João Antônio e García Márquez se consolidam como uma ruptura de limitações de discursos literários exatos, expandindo e juntando a literatura e o jornalismo para se estruturar na central temática dos autores, o povo latino-americano. O conto-reportagem e livro-reportagem são, dessa forma, a concretude de uma literatura de expressão dessa síntese de pensamento, o entre-lugar e o processo de mastigar ambos os discursos com o Norte sendo a literariedade e a expressão do pensamento marginal.

O conto-reportagem se vale de preceitos, ditos em “Corpo-a-corpo com a vida” (1976), a expressão da realidade sem os “beletrismos”, expor o brasileiro de dentro para fora. Essa



literatura, por exemplo, se expressa na sua linguagem direta, nas gírias e no encadeamento de imagens e personagens que não estão centralizadas: margens de pensamentos e de localidades se destacam aqui. Visto também na literatura de García Márquez, no livro-reportagem, o hibridismo se incorpora na transculturação – a percepção de um processo ativo de absorção –, através da mastigação das técnicas linguísticas dos discursos, a exposição de uma influência explícita de escritores do *New Journalism* e do *Testimonio* é um exemplo disso. Aliás, como um expoente do *Testimonio*, o colombiano contribui para o livro-reportagem na medida que se inscreve para além de uma perspectiva delimitada de fórmulas jornalísticas; o autor usa da escrita para a composição de seus textos.

Em uma outra perspectiva, é interessante compararmos o momento histórico de ambos e quais são as reverberações dessa transgressão no contexto. A ditadura colombiana e a brasileira influenciaram os escritos de García Márquez e João Antônio na medida que interferiram ativamente o contexto em que se inseriram. Seus textos se estruturaram em um instrumento de ideologia, a ética da escrita que João Antônio exemplifica em seu texto “Corpo-a-corpo com a vida” (1976) e com os textos de García Márquez que extrapolavam uma obediência passiva, expunha a solidão e opressão do sistema que vigora. Portanto, *Notícia de un sequestro* (1998) e *Relato de un naufrago* (1995) se estruturam como um exemplo de *Testimonio* e nessa lógica de absorção e exposição de uma realidade de autoritarismo presente – tanto é que o escritor fugiu de seu país com medo de ataque do governo. A ditadura é um tema recorrente para o escritor brasileiro, em conformidade com a opressão explícita de intelectuais e agressões que reverberam ao cotidiano dos marginais; já o escritor colombiano combina o *Testimonio*, expondo o sistema governamental, e o cotidiano que se condensa em pequenos eventos extraordinários: o literário e o fantástico como camuflagem para a denúncia.

Logo, conforme Silviano (2019, p. 16-17), “O silêncio seria a resposta desejada pelo imperialismo cultural, ou ainda o eco sonoro que apenas serve para apertar mais os laços do poder conquistador. Falar, escrever, significa: falar contra, escrever contra”, o entre-lugar é o comportamento ativo e denunciador, García Márquez e João Antônio se estruturam aí como expositores do regime.

Referências



- ANTÔNIO, João. **Malhação do Judas Carioca**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1976.
- GARCÍA MÁRQUEZ, Gabriel. **Crónica de una muerte anunciada**. Barcelona: Penguin Random House Grupo Editorial, 2015. *E-book*.
- GARCÍA MÁRQUEZ, Gabriel. **Notícia de um sequestro**. Tradução Artur Guerra e Cristina Rodriguez. Lisboa: Dom Quixote, 1998.
- MARQUES, Fabrício. Jornalismo e literatura: modos de dizer. **Conexão – Comunicação e Cultura**, UCS, Caxias do Sul, v. 8, n. 16, p. 11-27, jul./dez. 2009. Disponível em: <http://www.ucs.br/etc/revistas/index.php/conexao/article/view/124/115>. Acesso em: 01 jun. 2021.
- BHABHA, Homi. **O local da cultura**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1998.
- BERND, Zilá (Org.). **Americanidade e transferências culturais**. Porto Alegre: Movimento, 2013.
- CANDIDO, Antonio. A Nova Narrativa. *In: A educação pela noite e outros ensaios*. São Paulo: Ática, 1989. p. 199-215.
- FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade**. I: a vontade de saber. 3. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1980.
- MIGNOLO, Walter. **Local histories/global designs: coloniality, subaltern knowledges and border thinking**. Princeton: Princeton University Press, 2000.
- SANTIAGO, Silviano. **Uma literatura nos trópicos: ensaios sobre dependência cultural**. Rio de Janeiro: Rocco, 2000. *E-book*.
- SÁNCHEZ RODRIGUES, Gabriel. García Márquez: escritor o periodista lenguaje, formas, estilo y pasión literaria a través de das obras analógicas: notas de prensa y doce cuentos peregrinos. **Mar Océano: revista del humanismo español e iberoamericano**, Madrid, v. 1, n. 21, p. 183-195, fev. 2010. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10641/585>. Acesso em: 29 maio 2021.